

MILTON SANTOS

Maria Angela Faggin Pereira Leite

226

pós-

“Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem eu vejo
e saúdo velhos amigos...”

Canção Amiga – Carlos Drummond de Andrade

Milton Santos voltaria a Salvador para escrever um livro sobre a capital baiana, encomendado por sua atual editora, planejava estar lá por um tempo, sentir a cidade e andar por suas ruas. Ver as pessoas, dizia, é imprescindível quando queremos entender as relações de amor ou de desamor que elas têm com o lugar em que vivem. E é, também, por meio delas, continuava, que o lugar ganha sentido, porque quem faz a cidade são seus habitantes e não seus objetos.

Milton conhecia muitos lugares e muitas pessoas. Seu sorriso sincero e sereno, medida de sua generosidade, era também a medida desse conhecimento. Suas andanças pelo mundo não lhe conquistaram apenas os horizontes largos e o pensamento claro e coerente, mas trouxeram-lhe, também, a determinação de compartilhar suas certezas e suas dúvidas e, partindo delas, chegar às perguntas essenciais que vivem à espera de formulação. Para ele, *“o verdadeiro intelectual acredita naquilo que encontra, acredita em suas descobertas, está seguro da verdade e, por isso, pode ficar só. E é por ficar só que ele encontra seguidores”*. Torna-se um mestre.

O número de discípulos não é revelador dos méritos intelectuais de um mestre. Quantidades são acumulações de pouco valor e, por isso, pouco dizem sobre sua grandeza. O que expõe sua generosidade e sua obstinação pela busca, pela compreensão, pela reflexão são as possibilidades concretas de criação que o mestre percebe e incentiva em seus discípulos. Essa é a verdadeira tarefa de um intelectual e é na universidade pública que ela deve se abrigar para permitir que se construa o futuro de um país.

Em 1987, ao receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade Federal da Bahia, Milton, certamente com a voz forte e severa que o distinguia, afirmou: *“Quando nos separamos, ou melhor, quando fomos mantidos separados não fui eu quem traiu os ideais da Universidade, não fui eu. Foi a Universidade que se abandonou, renegando suas raízes, desprovendo-se do presente, por haver alienado seu futuro.”*

Naquele momento, e durante toda a sua vida, a defesa intransigente da universidade e, principalmente, da universidade pública e indiscriminadamente acessível a todos, repousava na convicção de que, mais do que uma tarefa, a democratização do conhecimento é uma necessidade imperiosa para o intelectual, no sentido mais bonito que essa palavra possa acolher.

Milton Santos foi um intelectual revolucionário e, como tal, não contrapunha a ternura ao rigor, mas os entrelaçava cuidadosamente para permitir o desenvolvimento do que de mais precioso existe em cada um de nós: a solidariedade, a compreensão, a generosidade.